TL0699-2

Para : Gracinha dos Reis
De : Paulino Gama

DEPOIMENTO E INFORMAÇÕES RECENTES DAS VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS EM TIMOR LESTE NO DECURSO DA INVASÃO E OCUPAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS DE INDONÉSIA DESDE 1975 ATÉ A PRESENTE DATA, DAS QUAIS FORAM LIDOS NA INTERVENÇÃO DA COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS NA 47ª SESSÃO EM GENEBR DE 18 ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1991.-

POR

PAULINO GAMA

(MAUK-MORUK)

SEDE DAS NAÇÕES UNIDAS EM GENEBRA, AOS 18 DE FEVEREIRO DE 1991.-

DISTINTOS PERITOS DOS DIREITOS HUMANOS

É uma grande honra estar, neste momento, aqui, depor perante vós, distintos peritos desta grande organização mundial - a ONU - a fim de dar a conhecer à Comunidade Internacional e Mundial os crimes cometidos contra o meu Povo, o Povo pacífico e ordeiro de Timor-Leste, pelas forças ocupantes da República da Indonésia e também denunciar aqui, neste fórum, as constantes violações dos Direitos Humanos contra o bom Povo Indonésio pelas Forças Armadas e Policiais da ditadura de Jakarta, de que sou testemunha durante os quatro anos em que estive deportado, em Jakarta.

Sou Paulino Gama, 35 anos de idade, viúvo, minha esposa fuzilada e decapitada pelas tropas da República da Indonésia, facto que descreverei mais adiante, dois filhos mortos por envenenamento pelos agentes de saúde indonésias. Nasci em Saelari - Laga, em 22 de Junho de 1955, no Concelho Administrativo de Baucau.

Durante a guerra civil que eclodiu entre a UDT - União Democrática Timorense e a FRETILIN - Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente, em Agosto de 1975, fui Comandante do Grupo Especial de Suicidas.

Participei, desde a primeira hora, na guerra da Resistência Nacional contra a ocupação e anexação indonésia.

Quando se deu a invasão indonésia, em 7 de Dezembro de 1975, entrei para o mato como Comandante de Esquadrão Móvel - Força Especial de Reacção Instantânea. Fui subindo de posto e cheguei a ocupar a partir de 1981 até 1985 o cargo de Comandante Supremo dos Altos Comandos da Brigada Vermelha, a principal força da Resistência Nacional Timorense, e, por acumulação os seguintes cargos: Secretário de Defesa e Segurança do Estado, Vice-Chefe do Estado-Maior das Falintil - Forças Armadas da Libertação Nacional de Timor-Leste, e Membro do Comité Central da FRETILIN, partido ao qual já não pertenço desde fins de 1984. Neste momento, apoio apenas a CNT - Convergência Nacionalista Timorense - formada pela UDT e pela FRETILIN, Organização de Unidade de todos os timorenses na luta político-diplomática pela reposição da legalidade e justiça em Timor-Leste, segundo o Direito Internacional e conforme a Carta das Nações Unidas, e, de harmonia com a Constituição da República Portuguesa, detentora legítima da soberania sobre o território não-autónomo de Timor-Leste.

Sou testemunha de vários factos de desrespeito dos Direitos Humanos contra o Povo Timorense, desde Dezembro de 1975, e sou igualmente vítima de barbaridades, atrocidades e arbitrariedades, em primeiro lugar, contra a minha esposa, e posteriormente, na minha própria pessoa a partir de 1985 até 1990. E, em represália à minha actividade na Resistência Nacional, os meus familiares mais directos e restantes parentes foram fuzilados ou dados como desaparecidos.

Não é a primeira vez, nem apenas, aqui e agora, que eu defendo os Direitos Humanos. Já, em Janeiro de 1976, salvei cerca de 250 (duzentos e cinquenta) presos da UDT e da Apodeti - partido subsidiado pela Indonésia que defendia a Integração de Timor-Leste nesse país - nas prisões da Fretilin em Aileu e Same, e, em Dezembro de 1975, soltei os quatro soldados indonésios: Maulem Berek, Darmuadi Karsono, Yanes Latupere e Albert Fernandes Costa, capturados, em Outubro de 1975, em Nunura - Maliana, contrariando a decisão de alguns extremistas e radicais desse partido que os queriam fuzilar. Os presos de Aileu e Same faziam parte de centenas de irmãos, entre eles, o Tenente-Coronel Rui Magiollo Gouveia, Oficial Superior do Exército Português, César Augusto Mouzinho, Vice-Presidente da UDT, Fernando Luz, Secretário-Geral da UDT, Vasco Senanes, Membro do Comité Central da UDT, e mais outros dirigentes e Delegados Regionais e simples militantes e simpatizantes desse Partido, e José Osório Soares, Secretário-Geral da Apodeti, vice-Presidente da Apodeti e mais alguns dos seus dirigentes e militantes que foram fuzilados e enterrados em vala-comum pelos radicais da Fretilin. Se tivesse chegado meia hora mais cedo com as minhas forças podia ter salvo muito mais. Mas, os extremistas, através de informadores seus, estavam ao corrente das nossas intenções e mandaram travar-nos em Scrolau - Remexiu, a fim de lhes darem tempo para fuzilar os nossos irmãos detidos, só por militarem em outros partidos. No entanto, conseguimos romper a barreira montada pelos radicais e avançámos sobre o QG - Quartel-General de Aileu, local onde estavam os detidos. Cercámos o QG - Quartel-General e neutralizámos de imediato os carcereiros e o pelotão de fuzilamento comandado pelo Ex-Sargento do Exército Português, José da Silva. Soltámos os prisioneiros que restavam e que aguardavam a sua vez para serem fuzilados, e levámo-los connosco em direcção à Ponta Leste. Pelo caminho, segundo informações que obtivemos, soubemos da existência de mais prisioneiros em Same.

Dirigimo-nos para esta localidade e, numa operação-relâmpago, salvámos todos os que estavam nesta prisão. Os radicais da Fretilin ainda fizeram três tentativas de intercepção às forças sob o meu comando com o intuito de recapturarem os ex-prisioneiros à nossa guarda. Eram tropas de infantaria e de cavalaria comandados respectivamente pelo Aníbal Araújo, na primeira tentativa de intercepção, Sarmento, na segunda, e pelo José Monteiro, na terceira tentativa de intercepção, todos coordenados pelos radicais e criminosos Carlos César Lebre, conhecido por Maulaka, Hélio Pina, conhecido por Maukruma e Alarico Fernandes. As minhas forças neutralizaram, sem a mínima hesitação, os três assaltos, gorando assim mais uma vez as acções criminosas e repugnantes dos radicais e extremistas da Fretilin. Estes irmãos radicais foram também, infelizmente, fuzilados pelo inimigo, excepto Alarico Fernandes que se encontra numa ilha da Indonésia (Sumbawa) como deportado político.

Em Matebian soltei 7 (sete) prisioneiros de guerra indonésios (Tenente Eddy, Fernandes, Sugiono, Soegiarto, Pardam, Parman e Sanuri) na altura do Cerco e Aniquilamento das Bases de Apoio, em Novembro de 1978. Estes soldados inimigos foram capturados, em Setembro de 1977, na Região da Cordilheira de Matebian. Durante o cativeiro foram sempre bem tratados por nós conforme os articulados da Convenção de Genebra no concernente ao tratamento dispensado aos prisioneiros de guerra.

Das atrocidades cometidas pelas Forças Armadas Indonésias contra o Povo Timorense, vou apenas narrar os factos de que sou testemunha e dos relatórios que recebi dos guerrilheiros quando era Comandante da Resistência Armada até 24 de Janeiro de 1985.

Vi corpos de Timorenses mutilados pelos soldados indonésios que, não se contentando apenas com o fuzilamento, divertiam-se a cortar orelhas, nariz, língua, seios das mulheres e sexo dos homens antes de serem mortos e depois decapitados e as cabeças expostas ao longo das estradas em espetos de bambú para intimidarem o Povo Timorense. As mulheres, depois de fuziladas e decapitadas, era prática dos bárbaros soldados indonésios espetarem um pau na vagina. Os casos mais graves e com maior frequência e intensidade deram-se em 1978 a 1981. Durante este período o inimigo humilhou-nos como Povo e como seres humanos. Além dos massacres e fuzilamentos, os soldados inimigos violavam as nossas mulheres, por vezes à frente dos maridos, filhos, pais e irmãos, depois de devidamente amarrados.

Se um soldado indonésio cobiça a mulher de um timorense, mata o marido e a viúva é obrigada a satisfazer os apetites animalescos da soldadesca. E, se recusar, é igualmente morta.

Nas regiões de Baguia, Laga, Quelicai e Baucau, ocorreram os maiores massacres e violações dos Direitos Humanos em Timor-Leste.

Como Comandante na Resisitência Nacional encontrei vários corpos sem certos órgãos, tais como, o coração, o fígado e partes mais carnudas do corpo. Vim a saber que há casos de canibalismo entre os soldados inimigos. Passo a relatar um caso concreto. O Tenente **NANA**, do Regimento dos Paracomandos (RPKAD), natural de Cirebon, uma Província de Java, actualmente a residir em Bali, comia carne humana nas frentes de combate e obrigava à força de armas os Timorenses que o acompanhavam como carregadores, conhecidos por TBO, comerem a carne dos seus irmãos. Alguns desses Timorenses ficaram afectados psiquicamente por terem sido obrigados a comer carne humana. Aqueles que se recusaram foram brutalmente espancados e torturados. Alguns conseguiram escapar-se e informaram-nos acerca do procedimento canibalesco, desumano e repugnante do referido militar indonésio. Todos os casos de canibalismo ocorreram nos meses de Agosto a Setembro de 1979. O referido Tenente NANA era o 2º Comandante de uma Companhia do Batalhão 745.

Segue-se a lista nominal dos elementos da população civil que foram mortos e comidos pelos canibais indonésios e que chegou ao conhecimento da Direcção da Resistência Nacional Timorense:

1) Em Sisugua, Lawateri e Aeafa foram mortos à facada como se se tratassem de animais para consumo, assados e comidos pelos canibais indonésios comandados pelo Tenente NANA, os seguintes irmãos: MAUKIAK e sua esposa BIAKIAK.

2) Em Ossoroa, quatro elementos inocentos e indefesos da população civil que saíram do Campo de Concentração para irem apanhar frutos e folhas silvestres para matarem a fome foram apanhados, mortos, assados e comidos pelos canibais indonésios do Batalhão 745 e do Batalhão 145. As partes do corpo que não foram consumidos pelos canibais indonésios foram lançados nos regatos como se fossem simples carne de animais. As vítimas do canibalismo nesta localidade localidade eram quatro: LEKILOI, BUILELA, MARIA e SAWALOI.

3) Em Titilari e Siribuhu, de dez inocentos civis, entre os quais quatro crianças de cinco a nove anos de idade e seus respectivos pais, foram fuzilados pelos soldados dos Batalhões 145, 413 e 503 e por elementos de RPKAD, depois assados, cozidos, torrados cozinhados à maneira oriental, TUKIR, isto é, metidos em bambús verdes e cozidos em brasa. As vítimas foram: WAIDERA, WAIRIA, WAISEGUE, TELEWAI, BIDOLI, CARLITOS LAKOKO, JOSÉ MAUBUTI, ANTÓNIO TOBODIGA, FITUR NAURIA e WEWELOI. Estes irmãos timorenses eram todos conhecidos meus. Chorei ao saber do sucedido, e mandei uma equipa da Resistência investigar o caso. Eu próprio me desloquei aos locais do crime e vi com os meus olhos o que sucedera com os meus compatriotas e amigos. Todas as vítimas viviam comigo.

Em 18 de Dezembro de 1980 o inimigo matou e decapitou a minha esposa Esperança de Sousa dos Remédios, na localidade de Vemasse, juntamente com cinco pessoas, entre elas o meu primo João Pereira. As cabeças, da minha esposa, do meu primo e das restantes vítimas: Leki Loi Watu, Domingos Charunto e Leri Haksolok Timur, foram levadas para Laga, de onde sou natural, e espetadas em varas e expostas durante mais de uma semana no cruzamento das estradas que vão de Laga a Baguia e a Lospalos, com o objectivo de intimidarem os meus familiares e o Povo em geral com o fim de desencorajarem possíveis apoios à minha actividade de guerrilheiro e contactos com a Resistência Nacional. Os carrascos da minha esposa foram os Capitães NURGIRI e PONIMAN, ambos pertencentes ao Regimento dos Paracomandos - RPKAD. Actualmente são Majores e encontram-se em Jakarta no referido Regimento. Um dos escoltas da minha mulher na altura da sua morte encontra-se neste momento em Portugal. Chama-se Cristiano Costa. Este Senhor "omitiu" este facto quando veio depor, em 1988, neste fórum.

Testemunhei a morte do meu irmão Carlinhos de Jesus Barbosa Gama (Loi Ruby Teki Timor era o seu nome de guerra) que ocorreu no dia 29 de Julho de 1979, às 05 horas e 30 minutos, num combate. Nessa manhã fatídica meu irmão comandava uma Operação de ataque sobre duas Companhias mistas dos Batalhões 141 e 145 indonésios. Ficou ferido no tórax, a bala alojada na zona do pulmão direito, preferiu morrer suicidando-se com o punhal dos Comandos Portugueses que trazia consigo, porque pela experiência do passado os guerrilheiros feridos que se encontravam em convalescença nas grutas quando são encontrados pelo inimigo são muito mal tratados, isto é, cortados em bocados.

Morreram em combate nesse dia seis guerrilheiros e mais meu irmão. Recolhemos os sete corpos dos nossos irmãos guerrilheiros e enterrámo-los ao pé da ribeira de Abuti, Laivai, localidade onde se verificou o combate. Para nossa surpresa, passados dois dias as campas foram violadas e os corpos retirados das covas e cortados em pedaços. Penduraram um braço de cada um deles em árvores e dirigindo-nos a seguinte mensagem atada nas mãos: "Quando um guerrilheiro morre não há mais ninguém para o substituir, mas quando morre um soldado indonésio aparecem mil". As cabeças dos nossos sete guerrilheiros foram lançadas pelos bárbaros para a ribeira de Abuti. Os guerrilheiros mortos em combate incluindo o meu irmão foram: António Sequeira, Vicente Gama (Maulela), António Raimetin, Carlos Lemorai, Lázaro da Costa, Mauberai Ran Nakali e Carlinhos de Jesus Barbosa Gama (LOI RUBY Teki Timor).

As duas Companhias mistas eram compostas por soldados Sumatrenses e Javaneses, na sua maioria fundamentalistas islâmicos. Dessas duas Companhias indonésias cerca de 200 (duzentos) soldados foram mortos em combate e cujas mortes confirmadas, para além de dois camiões cheios de feridos. Capturámos 120 (cento e vinte) armas ligeiras, 20 (vinte) metralhadoras, 8 (oito) rádios Rakal, 8 (oito) morteiros e mais uma série de equipamentos militares e documentos do plano de Operação de batida e limpeza. Estes factos atestam os actos bárbaros e canibalescos da soldadesca indonésia que não tem o mínimo de moral e sentimento humano em relação aos mortos. Em represália, o inimigo mobilizou 12 (doze) Batalhões para vistoriar as regiões circundantes num raio de 30 (trinta) quilómetros do local onde se travou o combate com o objectivo de retaliar a nossa acção devastadora sobre os seus conterrâneos dos dois Batalhões. Na altura, cada Batalhão era composta por 1250 (mil duzentos e cinquenta) soldados.

Não vou deixar esta oportunidade para denunciar a prisão e morte dos elementos da Delegação da Resistência Nacional Timorense chefiada pelo meu irmão Cornélio da Conceição Barbosa Gama - o único sobrevivente do grupo e actualmente Comandante do Corpo de Segurança do Xanana Gusmão - que contactou a Delegação Parlamentar Australiana chefiada pelo Senhor Bill Morrison em Róisi, nas proximidades de salinas de Laga, na zona fronteiriça co Laivai. Foram capturados em Saelari logo depois do encontro com os Australianos, em Julho de 1983, e fuzilados em Tacitolo e em Mota Comoro Ulun, em 1985. Tacitolo viria a ser o local onde o Papa João Paulo II celebrou a missa campal, em 12 de Outubro de 1989, aquando da sua

Os elementos da Delegação da Resistência Nacional Timorense capturados e fuzilados pelo invasor indonésio foram os seguites guerrilheiros: Câncio de Sousa Gama, Luís Cardoso, Francisco Morais, Caetano Gama, Marcelino Gama, José Filipe Gama, Mateus Gama, António Soares Cardoso, José Morais, Fitur Mutin e José Gama.

Vou igualmente aproveitar esta ocasião para denunciar a morte dos cinco jornalistas australianos, Green Shackleton, Malcolm Rennie, Tony Stewart, Gary Cunningham e Brian Peters, em meados a fins de Novembro de 1975, em Balibó. Os cinco jornalistas australianos faziam reportagem para a cadeia da Televisão Australiana - - ABC - sobre a invasão indonésia através da fronteira. Foram capturados e fuzilados aquando da tomada de Balibó pelas Forças Armadas da República da Indonésia. Um dos autores materiais do crime era TOMÁS GONÇALVES, filho do ex-governador nomeado pela Indonésia e GUILHERME GONÇALVES, actualmente encontra-se em Díli, Timor-Leste.

Vou agora narrar a minha experiência como prisioneiro nas mãos da Inteligência Indonésia. Como já disse na primeira parte deste depoimento, fui um dos altos dirigentes da Resistência Nacional Timorense. O meu nome de guerra é MAUK MORUK. Assumi cargos importantes na Estrutura Militar e Política da Resistência Nacional Timorense. Era o terceiro na hierarquia militar. O primeiro era e é XANANA GUSMÃO, o segundo era o saudoso KILIK. Por divergências de ordem estratégica na condução da luta da libertação da nossa martirizada Pátria, tive de descer das montanhas e juntar-me à população das vilas sob o controlo militar indonésio para evitar mais conflitos desnecessários e sobretudo guerra fratricida, uma vez que estávamos todos armados e com forças de ambos os lados. Eu era o Comandante Supremo da principal força da Resistência, as Brigadas Vermelhas, na altura da crise. Por imperativos nacionais e pela formação moral cristã, não queria fazer mal aos meus companheiros de armas e de luta política de vários anos, com quem discordara, sublinho, somente no plano estratégico. Um dos pontos que eu não aceitei foi o de terem considerado traidora e colaboracionista com o inimigo indonésio a população que se rendera aos militares indonésios e que se encontrava nas vilas. Esta Facção chegou ao ponto de queimar alguns campos de concentração das populações, impostos pelo inimigo para facilitar o controlo, dificultando-lhes ainda mais a vida, já de si precária.

Desci das montanhas com a minha escolta de apenas sete guerrilheiros, Domingos Gama, Alberto Gama, Agostinho Gama, Celestino Gama, Lamberto Gama, Manuel Gama e António Gama, para a segurança pessoal - embora o inimigo tenha propagandeado na altura que trouxe comigo três mil guerrilheiros - em Deroloke, Aitana, na cordilheira central. Fui recebido por oito coronéis. Os indonésios levaram-me a Díli onde fiquei apenas uma semana. De Díli fui levado para Jakarta onde permaneci duas semanas para inquérito e para ser apresentado ao Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas General Beny Moerdani. Levaram-me novamente a Díli e concederam-me a patente militar de Major dos Comandos das Forças de Elite. Obrigaram-me a comandar uma unidade de Comandos para perseguir os meus irmãos no mato e eu recusei. Tentaram subornar-me com mulheres, dinheiro, casa e carro. Mesmo assim, sempre me recusei terminantemente a colaborar com os assassinos do meu Povo. Depois da recusa da patente de Major e de outras facilidades concedidas, fui obrigado à força de armas a fazer esclarecimentos e comícios em todo o território timorense de apoio à Integração na Indonésia . Em Setembro de 1985, o inimigo chegou ao ponto de me obrigar a servir de TBO - Tenaga Bantua Operasi, isto é, carregador de munições e de comida da tropa inimiga. Obrigaram-me para revelar o depósito de material de guerra que estava sob o meu controlo directo. Recusei. Como não revelei o escondeirijo do depósito de material de guerra fui escoltado como preso e deportado para Jakarta directamente para o Hospital Militar Psiquiátrico para a lavagem cerebral. Fui submetido a técnicas especiais de inquérito por médicos de Inteligência especialmente treinados para esse fim. Queriam à força que eu revelasse os segredos da Resistência. Aplicaram-me choques eléctrico-neurológicos com eléctrodos ligados à cabeça em inúmeras sessões durante os quatro anos em que estive internado à força. Serviram-me de cobaia para testar certos medicamentos antes de darem aos doentes. Consegui esconder e entregar alguns desses medicamentos a uma Organização Humanitária que me visitava regularmente. Depois de análises feitas em laboratório descobriram que continham doses de veneno em alguns medicamentos, e outros fora do prazo. Durante os quase quatro anos em que estive internado contra a minha vontade no Hospital Militar Psiquiátrico eu estava sempre sob vigilância militar. A equipa médico-militar que me vigiava, era chefiada pelo Dr. Batchiar Marzuki, BMC, médico-psicólogo da Inteligência Militar formado nos Estados Unidos da América.

Era ele quem se encarregava de me vigiar e me fazia a lavagem cerebral, coadjuvado por uma equipa de Coronéis. Eu não fui morto porque o meu caso era acompanhado pelas Organizações Humanitárias Internacionais, nomeadamente, a CVI - Cruz Vermelha Internacional, a Amnistia Internacional e Direitos Humanos, por ser antigo Comandante da Resistência Nacional Timorense. Por pressão dessas organizações e pelos protestos que manifestei soltaram-me em Setembro de 1988. Depois de sair do Hospital não fui autorizado a regressar a minha Pátria, Timor-Leste, e ebrigaram-me a morar em casa de um ex-preso de Regime, antigo membro da RMS - Repúblik Maluku Swlawesi, com a missão de me vigiar os movimentos. Durante o tempo em que estive internado era constantemente ameaçado de morte pelos Oficiais da Inteligência, entre eles o Tenente-Coronel Zaeky Anwar, Adjunto-Chefe da Tutela das Boinas Vermelhas (RPKAD) e o Tenente Sutrisno, Chefe da Secção das Boinas Verdes (KOSTRAD). Já depois de solto recebia sempre ameaças de morte, pelo telefone, por esses mesmos dois Oficiais. Saí clandestinamente de Jakarta, Indonésia, em 5 de Agosto de 1990, para BangKok, com ajuda de diversas personalidades, entre elas o Reverendo Bispo Paul Moore da Igreja Anglicana Americana, e também com a ajuda de Organizações Humanitárias Internacionais e Indonésias. Neste momento vivo em Portugal, a potência administrante "de jure" de Timor-Leste.

Eu sou descendente de antigos Chefes tradicionais a quem nada faltava e de quem sou um dos herdeiros. No entanto, renunciei a tudo para defender a maioria do Povo esmagado e oprimido. Pelo meu empenho na defesa intransigente dos interesses gerais do meu Povo fui alvo de bom acolhimento e sobressaí no cenário político e militar da Resistência Nacional Timorense,como um filho timorense muito estimado pelo seu próprio Povo. Apesar das divergências de ordem estratégica, quando desci das montanhas para as vilas sob o controlo das Forças Armadas Indonésias, o meu Povo não hesitou um instante sequer em continuar a depositar em mim a sua confiança e lealdade, facto que me deu mais forças para renunciar a todas as tentativas de suborno por parte das autoridades indonésias e aceitar com maior honra todos os sacrifícios inimagináveis com elevada abnegação, constante e firme resolução na defesa intransigente do direito do Povo Timorense à Liberdade, à Democracia, a Fraternidade, a Harmonia e bem-estar social em toda a sua extensão de vida, como seres humanos respeitados e considerados neste recanto do mundo, ao livre exercício do seu inalienável direito à autodeterminação e independência.

= VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NA INDONÉSIA =

Foram fuzilados, em 2 de Fevereiro de 1989, quase trinta anos depois, SATTAR SURIANTO, YOANES SURONO, SIMON PETRUS SULAIMAN e NUHUR ROHAIN, implicados no CASO 65 - Golpe de Estado que provocou a queda do "Patriarca" da República da Indonésia, Presidente Sukarno, e colocou no poder o General Suharto, o actual Presidente. Momentos antes do fuzilamento os quatro condenados foram pontapeados e torturados de variadíssimas formas nas suas celas e só depois foram arrastados para o pelotão de fuzilamento. Não se concebe que num país e numa sociedade "civilizados" se mandem fuzilar presos depois de vários anos de detenção e da maneira como foram tratados momentos antes da execução.

Foram reprimidos violentamente as manifestações e greves estudantis nas Universidades de Bandung, Swlawesi, Yojakarta, Bali, Surabaya e Jakarta, em todo o ano de 1989 até meados de 1990. Os protestos estudantis visavam a liberalização do Regime, a liberdade de expressão, a Reforma do Ensino Superior e a participação na vida política Indonésia. Na Universidade de Swlawesi foram mortos dois estudantes, e na Universidade de Yojakarta foi preso um estudante de nome BAMBAM.

Igualmente, foram reprimidos com violência os protestos dos donos das terras que foram expropriados pelo Governo, em 1989, nas regiões do Bogor, Bandung, Surabaya e Sirebon, e em mais outras regiões.

§§§

ALARICO FERNADES, Secretário de Segurança e Informação da Fretilin, capitulou-se por divergências ideológicas às autoridades indonésias, em Outubro de 1978. Encontra-se deportado numa ilha da parte leste da Indonésia, SUMBAWA. Está neste momento na situação de detenção domiciliária, na residência do Comandante Militar Regional (KODIM), Tenente-Coronel SUKIMAN KADIR que foi um dos responsáveis pelas Operações militares, em 1976 até 1979, em Timor-Leste.

ADELINO DA COSTA SARMENTO (OLOGARI ASSWAIN é o seu nome de guerra), 2º Comandante do Comando da Brigada Vermelha, Força Principal e Especial da Resistência Nacional Timorense, foi capturado em Builó, Ossú, em Novembro de 1989. Encntra-se preso em Baucau e sob constantes maus tratos dos soldados indonésios, apesar de se encontrar muito doente. O meu antigo companheiro de armas sofre de reumatismo crónico - o que lhe impossibilitou a sua antecipada retirada quando foi cercado pelas forças inimigas. Segundo informações recentes OLOGARI ASSWAIN teria sido fuzilado pelas autoridades indonésias quando se recusou a colaborar com o inimigo para perseguir e chacinar os seus próprios irmãos da Resistência.

Encontram-se presos em divesas ilhas da Indonésia, nomeadamente, a ilha de BURUH, SERIBU e em outras ilhas, e também em KUPANG, capital de Timor Indonésio, vários timorenses que se opõem à Integração de Timor-Leste na Indonésia. Estes presos políticos não tem tido até a presente data visitas das Organizações Humanitárias Internacionais, nomeadamente, a CVI - Cruz Vermelha Internacional, a Amnistia Internacional, etc. Ninguém sabe ao certo o paradeiro desses irmãos timorenses. Sabe-se que estão deportados nas referidas ilhas indonésias e em outras não conhecidas e também em algumas cidades. Apelamos a ONU e a CVI - Cruz Vermelha Internacional para investigar e tentar descobrir o paradeiro desses presos políticos timorenses.

= PALAVRAS FINAIS =

Perante os factos acima narrados e descritos faço um veemente apelo às Nações Unidas para que nomeie uma Comissão de Investigação para verificar "in loco" as constantes violações das mais elmentares règras dos Direitos Humanos em Timor-Leste perpretadas pelas forças armadas indonésias.

A Comunidade Internacional não pode ficar indiferente perante tamanha atrocidade cometida contra o Povo Timorense pelas tropas indonésias desde 1975 até a presente data. Neste preciso momento em que estou a falar perante vós, distintos peritos, um timorense está a ser preso, torturado ou fuzilado. Peço-vos, na qualidade de timorense e como ser humano, que tenhais em conta os sofrimentos de outros seres humanos iguais a mim e a vós, distintos peritos, com os mesmos anseios, as mesmas aspirações e os mesmos direitos à Liberdade como Homens e como Povo.

Faço igualmente um apelo, aqui e agora, aos responsáveis do mundo inteiro para que não deixem cair por terra os nobres princípios da Carta da Organização das Nações Unidas no concernente à autodeterminação dos Povos. As grandes nações do mundo não podem ter dois pesos e duas medidas para situações idênticas. Refiro-me à questão do Koweit. Timor-Leste e Koweit são dois casos idênticos. Em relação ao Koweit os Estados Unidos da América e todo o mundo ocidental, incluindo a URSS, condenaram em côro a invasão pelo Iraque. E quanto a Timor-Leste, os EUA não mexeram um dedo para obrigar a Indonésia cumprir as Resoluções da ONU, no sentido de retirar as suas Forças Armadas de Timor-Leste, ilegal e brutalmente ocupado, ocupação que já ceifou a vida a mais de 200.000 timorenses. Já é altura de os EUA reverem a sua política em relação ao Povo de Timor-Leste. Um apelo à todos os Homens de boa vontade, a todas as Nações, em especial, aos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança - nomeadamente os EUA, a URSS, a China, a França e a Inglaterra - para que contribuam para o cumprimento das várias Resoluções do Conselho de Segurança da ONU que exigem a retirada total das Forças Armadas Indonésias de Timor-Leste, única forma de permitir ao martirizado Povo de Timor escolher livremente o seu próprio destino, conforme seu desejo e de acordo com o Direito Internacional. Ningúém pode, hoje, falar de desunião dos Timorenses. O Povo de Timor-Leste tem, desde 1986, apenas uma organização que o represente, a CNT - Convergência Nacionalista Timorense - formada pela UDT e pela FRETILIN, organização que defende para Timor o Multipartidarismo, uma Democracia do tipo ocidental, e o regresso da Administração Portuguesa a Timor-Leste a fim de retomar o Processo de Descolonização tragicamente interrompido pela invasão e ocupação indonésia. Portugal continua, por força do Direito Internacional e por força da Carta das Nações Unidas, Potência Administrante "de jure" do território não-autónomo de Timor-Leste.

RELATO SOBRE AS CONSTANTES E ABUSIVAS VIOLACOES DOS DIREITOS HUMANOS EM TIMOR LESTE PELAS FORCAS ARMADAS DA INDONESIA.-

"Continuacao da pagina=6=do depoimento para Comissao dos D.H.da ONU.-

No dia 12 de Fevereiro de 1980,um irmao guerrilheiro de nome COTE - - COTE WAILILI,foi apanhado pelas forcas indonésias do batalhao no.145,no seu abrigo,por este estar doente e afectado de bobas o que nao lhe permitiu uma possivel e antecipada fuga das batidas dos soldados indonésios.Depois este foi levado ao suco de Saelari onde sofreu torturas de todas as formas e por ultimo levaram-no ao um gondoeiro com maos e pes algemados e depois mandaram-no cavar a sua propria sepultura à 30cm de profunidade,após a efectivacao da sepultura, os soldados penduraram o nosso irmao num dos ramos do gondoeiro e depois um soldado assassino por ordem do seu oficial,o alferes Sumardis. comecou a disparar tiros contra o seu corpo,com um carregador de 30 balas da arma AR.15 de fabrico dos E.U.A.

Apesar de varios tiros levados no corpo,o irmao nao morreu de imediato,entao os soldados ficaram mais raivosos e todos dispararam a rajada contra o corpo inocente do nosso irmao,mas mesmo assim ainda nao foi eficaz para por termo a sua vida,e esta ultima flazelacao,um soldado pegou num grande martelo e rachou a sua cabeca em pedacos,mas mesmo assim ainda nao deu ultimo suspiro,dai,os assassinos ficaram mais espantados e coléricos e acabaram por enterrar o irmao ainda com vida e meio corpo sepultado.

Esta vandalesca atitude dos soldados indonésios provocou maior repugnacao e indignacao na populacao e também nao deixou de criar um medo aterrorizante em todos os que tiveram conhecimento do caso,principalmente aos familiares dos guerrilheiros nas circundantes do local do mais horrivel e triste acontecimento.